

# OS IMPACTOS DO TERRORIS- MO NO TURISMO INTERNA- CIONAL

**Rui Coelho**

Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação,  
Portugal  
ruilopesc@iol.pt

**Jorge Lopes**

Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação,  
Portugal  
jregolopes2010@gmail.com

**Susana Lima\***

Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação,  
GOVCOPP, CITUR, Portugal  
sulima@esec.pt

\*Autor correspondente

## Resumo

A nível global são conhecidos os impactos que atentados terroristas de projeção internacional têm tido nos fluxos turísticos, na economia mundial e nos países afetados, fragilizando a organização do setor turístico. O objetivo principal deste artigo é analisar até que ponto o terrorismo afeta os fluxos turísticos internacionais globalmente e, em particular, a procura turística de destinos alvo de atentados terroristas, através da análise de indicadores estatísticos nalguns destinos selecionados. Desenvolve-se uma análise mais aprofundada sobre o caso do Egito por se tratar de um destino de eleição a nível mundial, assim como por ter, ao longo da sua história recente, sido palco de vários atos terroristas. Pela natureza dos objetivos delineados, a metodologia adotada neste estudo assentou na revisão da literatura sobre terrorismo e turismo internacional e na recolha de dados estatísticos da procura turística com o objetivo de analisar os impactos do terrorismo nos destinos selecionados. O estudo sugere que, apesar do impacto negativo das ações terroristas no turismo internacional, este nem sempre se reflete em quebras significativas na procura turística nos anos seguintes a essas ocorrências, podendo a dimensão deste impacto ser variável em função das características do destino, mediação associada aos eventos terroristas e medidas adotadas.

**Palavras-chave:** Egito; Impactos; Terrorismo; Turismo Internacional.

## Abstract

The global impacts of international terrorist attacks on tourist flows, world economy countries' economies and tourist sector organisation and their subsequent weakening are well known. The main objective of this article is to demonstrate the impact of terrorism on international tourism presenting a general perspective about its problems and the relationship between the terrorist events and tourist activities in certain destinations through a specific case study in Egypt. This country stands out for being a tourist destination with a great diversity of resources and tourist development potential as well as being the stage for poignant terrorist attacks in its recent history. Due to the nature of the objectives of this study, the methodology was based in the literature review on international tourism and terrorism and on the data collection about international tourism in order to analyse the impacts of terrorism on the international tourism demand on the selected countries. The study suggests that there is indeed a negative impact on international tourism as a result of terrorist actions but that in some cases this is not reflected in significant reductions in tourism demand. The scope of the impact could be variable according to the tourist destination, media coverage and measures implemented.

**Keywords:** Egypt; Impacts; International Tourism; Terrorism.

## Introdução

O terrorismo tem afetado o turismo de diversas maneiras a nível mundial, principalmente nos últimos anos, com a maioria dos atentados a serem intencionalmente perpetrados contra alvos turísticos, principalmente pelo impacto gerado naquela que é a principal atividade económica em muitos países e pela garantida cobertura mediática que daí resulta, servindo os propósitos dos terroristas. Entre os vários efeitos que daí decorrem, destaca-se o medo e o sentimento de insegurança generalizado e que pode destruir, de um momento para o outro, a imagem desses destinos.

De acordo com Denécé e Meyer (2006), antes do 11 de setembro de 2001, a indústria turística estava próximo de se tornar a principal atividade económica mundial. Até àquela data, os conceitos de férias e lazer estavam associados a segurança e, para a maior parte dos indivíduos, não existia risco na atividade turística, com a exceção daqueles que, em procura do turismo de aventura, procuravam esse risco. A partir dos ataques de 11 de setembro nos Estados Unidos da América (EUA), a perceção dos riscos inerentes às viagens apresentam-se aos consumidores como reais em qualquer destino, o que é intensificado pelo reforço generalizado das medidas de segurança implementadas.

As fortes medidas de segurança que passaram a ser implementadas nos aeroportos, portos e fronteiras, acrescido do reforço das restrições à obtenção de vistos em muitos países vieram alterar significativamente os custos e procedimentos das viagens, quer para os turistas quer para as estruturas aeroportuárias e indústria turística em geral. Estas medidas representam custos elevados de operacionalização, o que se traduz em custos acrescidos das viagens e o aumento do tempo despendido em procedimentos de segurança e embarque (Lohmann, 2004).

Do ponto de vista dos destinos turísticos, é de salientar o impacto significativo de qualquer atentado na economia, uma vez que a indústria turística tem sido a maior vítima destes atentados, por um lado, no efeito imediato na redução da procura de viagens e, por outro, e como consequência imediata, nas perdas de postos de trabalho nos setores do transporte, na hotelaria, nas agências de viagens ou de animação turística e em muitas outras áreas de atividade que, direta ou indiretamente, em muito dependem da economia gerada em torno da atividade turística (Denécé & Meyer, 2006).

Apesar de tudo, o turismo mundial tem vindo a demonstrar uma grande capacidade de resiliência contra estes atentados terroristas, continuando a crescer e a afirmar-se como um dos principais setores de atividade económica a nível mundial. Importa assim perceber o comportamento da procura turística internacional face aos atentados terroristas sobre alvos turísticos. Neste contexto, o principal objetivo deste artigo é analisar até que ponto o terrorismo afeta os fluxos turísticos internacionais globalmente e, em particular, a procura turística de destinos alvo de atentados terroristas, através da análise dos principais indicadores estatísticos da procura turística nalguns destinos selecionados. Pretende-se ainda perceber o papel desempenhado pelos *media* no impacto gerado e de que tipo de medidas depende a recuperação da imagem desses destinos turísticos.

A metodologia adotada neste estudo assentou na revisão da literatura sobre terrorismo e turismo internacional e na recolha e análise de dados secundários relativos aos principais indicadores da procura turística internacional para procurar perceber até que ponto existem variações significativas na sequência de incidentes terroristas em diversos destinos turísticos que foram selecionados para esse efeito. De entre esses países alvos de atentados terroristas, optou-se por desenvolver uma análise mais detalhada do caso específico do Egito com o obje-

tivo de analisar os impactos do terrorismo na sua procura internacional, por se tratar de um destino de eleição que chegou a ocupar a 18<sup>a</sup> posição no ranking mundial de destinos turísticos, assim como por ter, ao longo da sua história recente, sido palco de vários atos terroristas e instabilidade agravada pelo movimento da “Primavera Árabe”. Com este estudo de caso procurou-se estabelecer algumas relações diretas entre os acontecimentos terroristas e a variação na atividade turística daquela região.

O artigo encontra-se dividido em três secções principais, começando pela revisão da literatura, na qual se apresenta uma resenha histórica sobre o terrorismo e o seu conceito; o impacto do terrorismo na procura turística internacional através da identificação de alguns exemplos de ações terroristas que atingiram diversos destinos turísticos, analisando depois o seu impacto ao nível das chegadas turísticas internacionais ao longo de períodos de 10 ou 15 anos; tecem-se ainda nesta secção algumas considerações sobre o impacto mediático do terrorismo sobre os destinos afetados. Na segunda secção desenvolve-se o estudo de caso sobre o Egito que se inicia com uma abordagem ao historial de atentados terroristas ocorridos entre 1992 e 2006, para depois se analisar com maior detalhe as principais consequências sobre a procura turística nesses períodos. Na terceira e última secção tecem-se algumas conclusões e principais implicações para a atividade turística em geral.

## **Revisão da literatura**

### **A problemática do terrorismo: resenha histórica**

O terrorismo, apesar de ser um conceito da atualidade, remonta aos inícios da civilização, sendo curioso constatar que o poder estabelecido foi quem mais usou de ações terroristas, não só contra outras nações mas também contra o seu próprio povo como forma de repressão (Mazetto, 2003). O terrorismo de estado tem, assim, raízes históricas e está presente até aos nossos dias embora nenhum poder estabelecido reconheça a sua utilização. O seu reconhecimento mantém-se assim um tema polémico sendo sempre mais fácil reconhecer os atos terroristas dum indivíduo ou de organizações clandestinas do que aqueles que são praticados pelo poder estabelecido.

A história mostra-nos como o avanço do Império Romano se evidenciava através de atos de terror, barbárie e tortura contra outrem, como foi o caso da destruição completa e dizimação do inimigo em Cartago, as violações, os saques ou a crucificação praticada pelos Romanos (séc. I a.C.) contra os opositores ao seu poder, com a finalidade de baixar o moral e enfraquecer a resistência das tropas inimigas e como forma de recompensa aos soldados mal remunerados. Atos semelhantes foram registados pelos historiadores noutras civilizações da Idade Antiga como a Egípcia, Grega e Mesopotâmica. Curiosamente, a queda do Império Romano foi consequência também das táticas de terror assumidas pelos povos bárbaros (Mazetto, 2003).

Mais tarde, verifica-se o aparecimento de conceitos como o de “guerra justa” e “guerra santa” para justificar os avanços e expansão do islão ou do cristianismo e a prática de atos de terror sobre os povos subjugados. A Idade Média foi generosa em atos de terror, praticados em nome de Deus pelos fundamentalistas religiosos cristãos e muçulmanos, sendo que ainda hoje a intolerância religiosa é uma das principais causas das ações terroristas e grupos religiosos continuam a aparecer, principalmente no Médio Oriente, justificando incompreensivelmente as suas ações de terror em razões religiosas, o que causa confusão se pensarmos que

todas as grandes religiões evocam a paz e desincentivam ou vedam o uso da violência (Mazetto, 2003).

Durante as Cruzadas dos séculos XII e XIII, nas campanhas militares levadas a cabo pelos cristãos da Europa Ocidental para libertar os cristãos do oriente e os lugares santos do domínio muçulmano, não foram poucos os massacres praticados tanto por cristãos como por muçulmanos, cujas principais vítimas eram as populações civis das cidades conquistadas e reconquistadas. Depois surgiu ainda a Santa Inquisição, num período em que a igreja se impunha a ferro e fogo, com forte violência nos seus atos, culminando em “julgamentos” que condenaram milhares de inocentes à morte acusados de feitiçaria e outros atos considerados então crimes da maior gravidade (Mazetto, 2003).

Mazetto (2003) refere-se ainda ao genocídio dos povos indígenas, levado a cabo durante a conquista da América pelos povos ibéricos e à política de terror sobre os povos nativos para permitir o saque das riquezas do Novo Mundo para a Europa e o conseqüente surgimento da pirataria, que utilizava estratégias próximas do terrorismo para pilhar, atacar e arrasar os galeões e as colónias onde as preciosas cargas embarcavam.

É um erro comum, ainda hoje, confundir-se ações terroristas com ações de guerrilha, táticas que surgiram durante as guerras napoleónicas, como um movimento de resistência ao domínio francês. Para combater os ataques das guerrilhas, o poder estabelecido aplica, muitas vezes, técnicas de terror, com uso de tortura e execução sumária dos não-combatentes, acusados de dar apoio aos guerrilheiros, cenário que pode resultar em ações de retaliação da guerrilha, utilizando os mesmos métodos, aproximando-se assim dos conceitos das ações terroristas (Mazetto, 2003).

Oficialmente, o termo terrorismo diz-se ter surgido pela primeira vez em 1798, no Suplemento do Dicionário da Academia Francesa, reportando-se ao regime de terror que a França vivenciou nos finais do século XVIII, durante a Revolução Francesa. Alguns historiadores apelidam ainda de terrorismo a onda anarquista que alastrou na Europa em fins do século XIX. Contudo, podemos considerar que os primeiros atos terroristas com as características definidas hoje em dia ocorreram em 1912, ano em que um grupo de macedónios, em atos terroristas contra a Turquia, apostou no uso de bombas colocadas em comboios internacionais como forma de luta contra o poder estabelecido espalhando o medo (Pereira, 2008).

O século XX foi palco dos mais tristes e inomináveis casos de terrorismo de Estado colocados em prática pelos regimes nazista e estalinista, que cometeram as maiores atrocidades contra a humanidade, crimes de natureza religiosa, étnica e política. O bombardeio atómico de Hiroshima e Nagasaki, no final da II Guerra Mundial, não deixou de ser uma ação de terror, levada a cabo para abreviar o conflito e poupar as tropas de ocupação a uma batalha imprevisível (Júnior, 2013).

Ao longo do século XX, algumas nações ajudaram grupos revolucionários de outros países a levarem a efeito atentados terroristas. Por exemplo, o coronel Khadafi foi acusado várias vezes de apoiar bases de treino e oferecer apoio logístico e financeiro aos terroristas palestinos, do IRA e da ETA (Júnior, 2013). As grandes organizações terroristas tiveram o seu auge na década de 1970 e eram essencialmente de carácter político. Nos anos 80 e 90 do século XX, o terrorismo difundiu-se mundialmente por inúmeras organizações, tendo a destruição final como objetivo comum entre elas. Durante a Revolução Russa, Leon Trotski, defendia que o terror era a continuação natural da insurreição armada e a intimidação o mais poderoso meio de ação política (Júnior, 2013).

A prática mais comum da ação terrorista das organizações clandestinas é o sequestro, rapto e assassinato de pessoas ou grupos de pessoas, ações que se tornaram frequentes nos anos 70 e 80, nomeadamente beneficiando dos avanços tecnológicos, por exemplo, ao nível dos voos comerciais que se tornaram num alvo fácil com grandes impactos e muita mediatização (Júnior, 2013).

Na década de 90 os atentados assumem novas proporções, com carros-bomba e homens-bomba, tidos como mártires no fundamentalismo islâmico, atacando em locais públicos de grande concentração de pessoas, para fazerem o maior número de vítimas. No século XXI o terrorismo tomou outras dimensões. Depois dos atentados de 11 de setembro de 2001 nos EUA, as medidas de segurança passaram a ser mais restritas e alargaram-se a todo o mundo. Os EUA passaram a ditar a nova ordem mundial, com mudanças no quadro geopolítico global. Atualmente as organizações terroristas, sejam elas de carácter étnico, religioso ou político, estão espalhadas por todo o mundo e têm membros infiltrados em qualquer país (Júnior, 2013).

### **Impacto do terrorismo na procura turística internacional**

Os turistas de hoje em dia parecem “estar a aprender a viver com o terror” e o turismo mundial continua a crescer apesar do terrorismo (IPK International, 2016, p. 21). No entanto, a escolha dos destinos está cada vez mais dependente das perceções de terror e segurança. Com efeito, analisando os dados de 2016 do World Travel Monitor (IPK International, 2016), verifica-se que as escolhas dos turistas dos principais mercados emissores vêm sendo influenciadas por este sentimento de insegurança refletindo-se na escolha de destinos como Espanha, Portugal ou mesmo as viagens dentro dos próprios países de origem em vez de destinos como a Turquia, Egito ou a Tunísia.

De acordo com estudos recentes do World Travel Monitor (IPK International, 2016), os países com maior perceção de insegurança para os turistas internacionais são, atualmente, a Turquia, o Egito e Israel, seguidos de diversos países que integram o Médio Oriente e Norte de África, mas também outros destinos como França, EUA e Tailândia. O mesmo estudo aponta para a necessidade de desenvolver esforços de gestão de crises apostando na gestão de marketing da imagem dos destinos antes, durante e depois das crises provocadas por incidentes terroristas (IPK International, 2016).

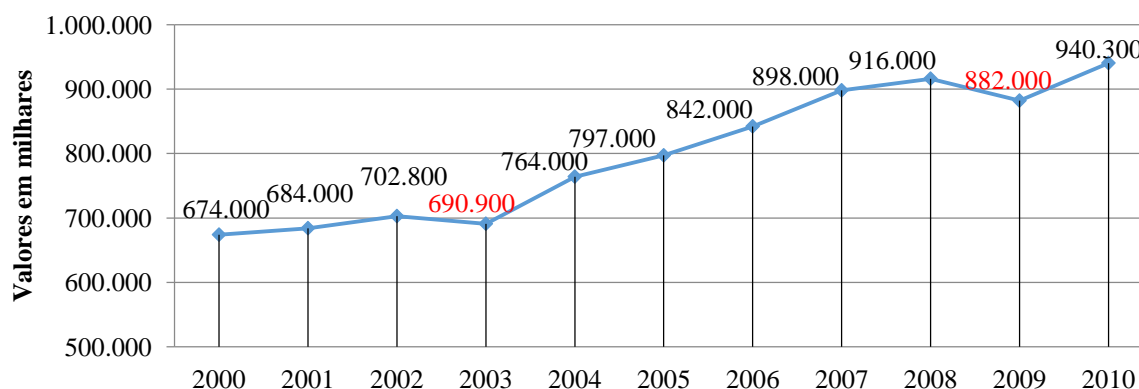
Nesta secção procura-se analisar o impacto do terrorismo no turismo internacional a nível global, através da identificação de alguns exemplos de ações terroristas que atingiram diversos destinos turísticos (Tabela 1), analisando depois o seu impacto na procura turística internacional.

Da análise dos dados das chegadas turísticas internacionais a nível mundial no período de 2000 a 2010 (Gráfico 1), é possível constatar que este indicador não foi especialmente afetado pelos atentados terroristas, apesar de um abrandamento do crescimento que se vinha a verificar nos anos anteriores. A nível mundial, apenas se verificaram quebras na procura turística internacional entre 2002 e 2003, como efeito do início da guerra no Iraque, decorrente da nova ordem política que se seguiu aos atentados de 11 de setembro de 2001, e entre 2008 e 2009, resultado da crise económica e financeira internacional.

**Tabela 1.** Exemplos de atentados sobre alvos turísticos.

<b>Estados Unidos da América</b>	11 de setembro de 2001: 19 terroristas da Al'Qaeda desviam 4 aviões fazendo embater 2 nas Torres Gémeas em Manhattan, um terceiro no Pentágono em Washington enquanto o último se despenha na Pensilvânia (mais de 3000 mortos no total).
<b>Espanha</b>	11 de março de 2004: bombas explodem em 4 comboios em Madrid, Estação de Atocha (191 mortos e perto de 2000 feridos).
<b>Reino Unido</b>	07 de julho de 2005: Explosão de 4 bombas no centro financeiro de Londres (56 mortos), atentado reivindicado pelas brigadas Abu Hafs Al-Masri. 21 de julho de 2005: 4 bombas colocadas no metro e em autocarros acabam por não explodir ou causar vítimas.
<b>Indonésia</b>	12 de outubro de 2002: duplo atentado com carros bomba contra uma discoteca e restaurantes em Bali (202 mortos que incluíam muitos australianos). 05 de agosto de 2003 Atentado suicida com carrinha armadilhada contra o Hotel Americano em Jacarta (12 mortos 150 feridos). 09 de setembro 2004: Atentado frente à embaixada da Austrália reclamado pela Jemaah Islamiyah (10 feridos).
<b>Quênia</b>	1998: Embaixada dos EUA em Nairobi alvo de um ataque à bomba que causou 212 mortos. 2002: um atentado suicida num hotel em Mombaça causou 15 mortos e, no mesmo dia, um grupo terrorista tentou atingir um avião comercial. Dezembro de 2010: um autocarro de passageiros que se preparava para partir de Nairobi para Kampala, no Uganda, foi alvo de um atentado à bomba que causou 2 mortos e mais de 40 feridos.

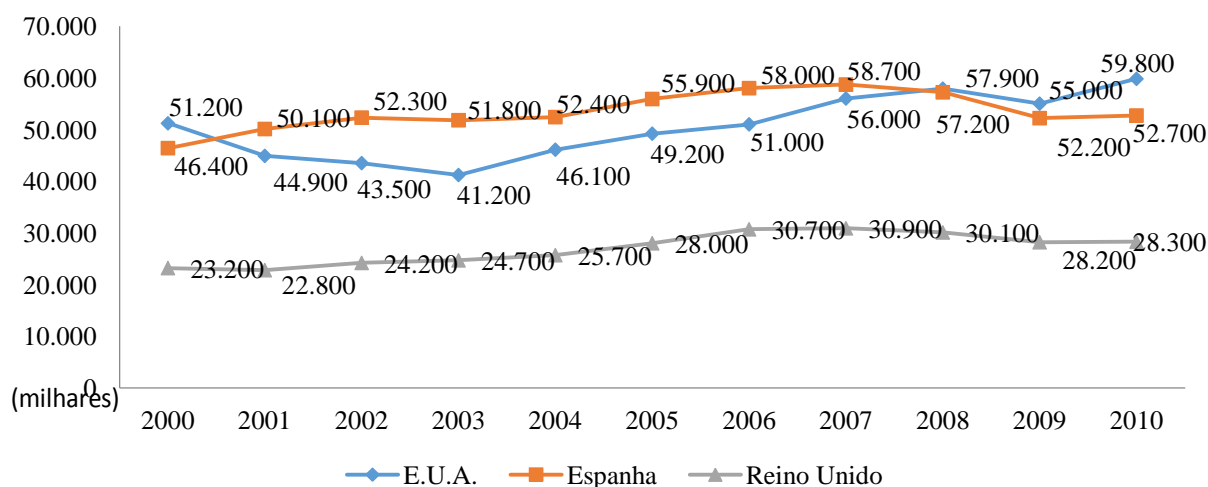
Fonte: Denécé & Meyer (2006).



**Gráfico 1.** Chegadas turísticas internacionais no mundo (2000-2010).

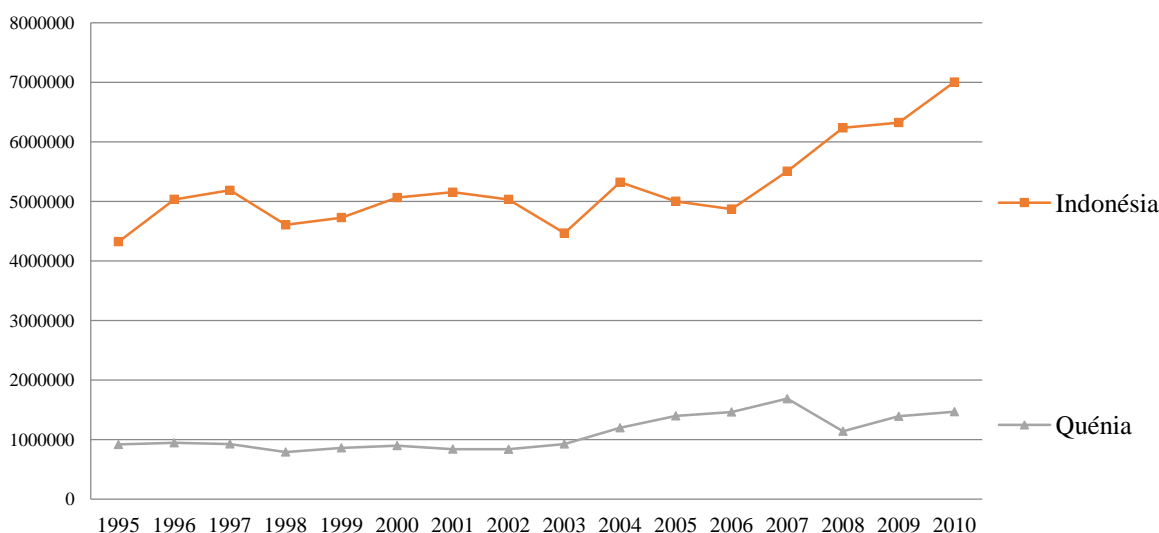
Fonte: Adaptado de Turismo de Portugal (2013).

De modo a facilitar a leitura dos dados relativos à procura turística internacional daqueles cinco países em períodos diferentes, optou-se por dividir a análise em dois gráficos distintos. Centrando a análise nos primeiros três países da Tabela 1, o Gráfico 2 permite observar de forma perceptível a queda significativa das chegadas turísticas internacionais nos EUA em 2001, tendência que se manteve até 2003, demonstrando o impacto significativo dos atentados do 11 de setembro no país. Já no que se refere a Espanha, não se registou uma queda na procura após os atentados, embora seja perceptível um abrandamento no seu crescimento em 2003 e 2004 em comparação com outros anos. Relativamente ao Reino Unido, destaca-se uma ligeira quebra da procura de 2001 para 2002, consequência dos efeitos em cadeia do 11 de setembro de 2001, mas sem qualquer quebra significativa após os atentados de 2005.



**Gráfico 2.** Chegadas turísticas internacionais (2000-2010): EUA, Espanha, Reino Unido, Egito.  
Fonte: Adaptado de Turismo de Portugal (2013).

No que se refere aos outros dois destinos apontados na Tabela 1, o Quénia e a Indonésia, o Gráfico 3 permite concluir que relativamente ao primeiro verificaram-se quebras da procura em 1998 e 2002, que se poderão atribuir aos atentados ocorridos nesses anos na Embaixada dos EUA em Nairobi e num hotel em Mombaça, respetivamente. Já no caso da Indonésia, é possível constatar que os atentados ocorridos em 2002 em Bali se refletiram numa quebra significativa da procura, principalmente em 2003. Neste caso, é curioso verificar que, apesar dos atentados de agosto de 2003 e setembro de 2004, este último ano registou uma recuperação significativa face aos anos anteriores, para voltar a cair nos anos seguintes. Este terá sido, porventura, um dos destinos turísticos em que os efeitos de atentados terroristas mais se prolongaram nos anos seguintes, com a recuperação a acontecer só a partir de 2007.



**Gráfico 3.** Chegadas turísticas internacionais (1995 a 2010): Quénia e Indonésia.  
Fonte: Adaptado de World Bank Databank (2013).



A análise dos exemplos apresentados de atos de terrorismo em destinos com diferentes características e impacto mediático deixam perceber que a tendência do setor turístico é a de uma rápida recuperação, na maioria dos casos, sendo que nalguns não chega a refletir-se em quebras da procura turística. Combate-se assim o objetivo de abalar e destruir um destino atacando um dos mais importantes setores de atividade económica a nível mundial. Então, que fatores contribuirão para diferentes desempenhos dos destinos nesse processo de recuperação? Um dos aspetos apontados como exercendo maior influência na perceção de segurança dos destinos prende-se com o papel desempenhado pelos órgãos de comunicação social nesta relação entre terrorismo e turismo.

### **O impacto mediático do terrorismo**

Faria (2007) defende que os atos terroristas só são eficazes se forem divulgados, o que foi já salientado em 1985 pela então primeira-ministra britânica Margaret Thatcher, que se dirigiu aos *media* afirmando que a divulgação e atenção que estes davam ao terrorismo era o seu “oxigénio”. O terrorismo que não for publicado torna-se impotente pois a sua eficácia depende muito do impacto dramático para captar a atenção da opinião pública para atingir o objetivo de espalhar o medo.

A relação que se estabelece entre o terrorismo e os *media* leva a um benefício mútuo. Numa primeira análise, a cobertura da violência terrorista é um momento de trabalho informativo, onde as imagens e as palavras são as armas mais poderosas das denúncias do horror. Contudo, é exatamente essa cobertura que as organizações terroristas procuram, pois dela depende a eficácia plena do ato de destruição (Évora, 2006).

Entre os diversos meios de comunicação social e apesar da crescente importância da internet neste contexto, é ainda à televisão que cabe o papel mais central na estratégia dos terroristas, por poder transmitir notícias de forma instantânea e *nonstop* e por ter capacidade para difundir imagens e palavras de qualquer parte para todas as partes do globo (Faria, 2007). Os principais atentados terroristas dos últimos anos procuraram o uso exaustivo de todas as potencialidades dos meios de comunicação social para dar dimensão internacional às suas estratégias de terror. Os ataques de 11 de Setembro, por exemplo, foram planeados ao minuto, de modo a que, no momento do embate do segundo avião no *World Trade Center*, as principais cadeias de televisão de todo o mundo estivessem a transmitir em direto, servindo assim, involuntariamente, os objetivos dos autores dos atentados e agindo da forma como estes previram que acontecesse (Faria, 2007).

Para além deste “aproveitamento”, as organizações terroristas têm ainda outras estratégias de envolvimento da comunicação social, utilizando canais de televisão e estações de rádio próprios que usam para fazer passar informação sobre si próprios, ou para comunicar entre membros, para além de fazerem uso ainda dos vários avanços tecnológicos da nossa era, como é o caso dos vídeos com mensagens dos líderes dos grupos terroristas ou com imagens de reféns, que tentam fazer circular nos meios de comunicação (Faria, 2007).

As notícias relacionadas com os grandes acontecimentos, normalmente, voltam a aparecer nos *media* um ano depois, altura em que se começa a conhecer os resultados das investigações judiciais, policiais e institucionais. A forma como os meios de comunicação tratam este tipo de acontecimentos influencia, sobretudo, a perceção desse acontecimento por parte do público. Évora (2006) defende que o grande problema do discurso produzido pelos *media*

é a superficialidade com que tratam os temas, sem se preocuparem em chegar ao fundo das questões.

Este registo discursivo é bastante limitado, pois não dá espaço para compreender o mundo do “outro” e as razões que estão por detrás da forma como o outro vê a realidade do mundo. É um discurso baseado sobretudo em preconceitos, o que por si só elimina quase toda a possibilidade de se fazer uma verdadeira análise da realidade internacional. É uma forma pobre de interpretar a realidade, dificultando a constatação e a interpretação dos desajustes sociais e das bases do descontentamento mundial (Évora, 2006).

Faria (2007) acrescenta que, apesar de os *media* não criarem ações terroristas, a sua atuação pode facilitar o sucesso estratégico dos grupos terroristas. Seria fundamental tentar perceber de que forma os *media* devem atuar de modo a cumprirem o seu papel numa sociedade democrática – o de informar, sem censura e sem condicionalismos superiores – sem serem usados como uma plataforma que sirva os interesses dos grupos terroristas.

### **Estudo de caso: impacto do terrorismo no turismo do Egito**

#### **Historial de atentados terroristas no Egito**

O Egito tem sido um dos países mais afetados pelo terrorismo islâmico, com impactos profundos num dos seus principais setores de atividade económica - o turismo. É, para além disso, um país próximo do ocidente e signatário do tratado de paz com Israel o que faz dele um alvo preferencial dos ataques da Al-Qaeda (Denécé & Meyer, 2006). O país reúne, assim, um conjunto de condições que tornam a atividade turística alvos perfeitos para os novos Djihadistas (Denécé & Meyer, 2006).

O Egito testemunhou em 1928 o nascimento do movimento fundamentalista islâmico sunita “Irmandade Muçulmana” impulsionado pelo chefe histórico Hassan Al Banna, com o objetivo declarado de retomar a caminhada triunfante do Islão no mundo (Denécé & Meyer, 2006). A “Irmandade Muçulmana” tem por inimigos declarados o liberalismo, o comunismo, o ocidente, os cristãos e os judeus. Pretende a separação clara entre o sagrado e o profano, a laicidade e consideram as estâncias balneares do Egito como locais de depravação ocidental em terras islâmicas. O movimento foi oficialmente interdito em 1954, mas continua a ser mais ao menos tolerado no país, tendo renunciado à luta armada em 1980 para se dedicar à luta política. São ainda de destacar no Egito dois outros principais grupos terroristas, a Djihad Islâmica e a Gama’a Al-Islamiya, responsáveis por muitos dos atentados terroristas de que o país tem sido alvo (Denécé & Meyer, 2006).

A Tabela 2 identifica alguns dos mais significantes atentados no Egito contra alvos turísticos, procurando-se nas secções seguintes estabelecer uma relação causa-efeito dos mesmos sobre a atividade turística pela análise dos respetivos indicadores da procura turística internacional.

**Tabela 2. Atentados contra alvos turísticos no Egito.**

<b>21 Out. 1992</b>	Tiros contra um autocarro de turistas matam um britânico e ferem outros dois.
<b>26 Fev. 1993</b>	A explosão de uma bomba num café no Cairo mata um turco, um sueco e um egípcio e fere outras 20 pessoas.
<b>08 de Jun. 1993</b>	Uma explosão num autocarro de visita às pirâmides mata dois egípcios e fere 50 pessoas das quais 5 eram britânicos.
<b>04 Mar. 1994</b>	Grupo de atiradores abre fogo sobre um cruzeiro que descia o Nilo e mata um alemão.
<b>26 de Ago. 1994</b>	Um autocarro é atacado no Alto Egito, os tiros provocam a morte a uma criança espanhola.
<b>27 Set. 1994</b>	Dois egípcios e dois turistas alemães são mortos num ataque à estação balnear de Hourghada.
<b>23 Out. 1994</b>	Um britânico e três outras pessoas são mortas num ataque a um minibus turístico.
<b>18 Abr. 1996</b>	Um grupo de homens armados mata 18 turistas gregos junto às pirâmides.
<b>18 Set. 1997</b>	Um ataque contra o Museu do Cairo mata 9 turistas alemães.
<b>17 Nov. 1997</b>	Atentados de Luxor: Seis terroristas do Gama'a al-Islamiya disfarçados de polícias introduzem-se no templo de Hatchepsout e começam a atirar indiscriminadamente sobre os turistas que aí se encontram, perseguindo os fugitivos no interior do templo para os abater. Em poucos minutos matam a sangue frio 58 turistas e 4 egípcios e ferem perto de 400 pessoas até serem abatidos pela polícia.
<b>07 Out. 2004</b>	Atentados de Taba: Nas margens do Mar Vermelho, três ataques sucessivos com carros armadilhados contra o Hotel Hilton e um parque de campismo no Sinai provocam a morte a 34 pessoas, entre os quais 10 israelitas e ferem mais de 120 pessoas.
<b>07 Abr. 2005</b>	Atentados do Cairo: uma série de atentados ocorreu no mês de abril visando deliberadamente alvos turísticos, entre os quais uma explosão que teve lugar num bazar do Cairo matando 2 franceses e 1 americano, fazendo 18 feridos.
<b>23 Jul. 2005</b>	Atentados de Charm-el-Cheikh: 3 bombas explodem em 15 minutos num espaço de grande afluência turística e conferências internacionais, tendo estas ações concertadas causado a morte a 88 pessoas.
<b>24 Abr. 2006</b>	Atentados de Dahab: 3 atentados à bomba fazem 23 mortos e 63 feridos.

Fonte: Denécé & Meyer (2006).

## O turismo no Egito e consequências dos atentados sobre a procura turística

O Turismo é uma atividade fundamental da economia egípcia. De facto, de acordo com Denécé & Meyer (2006), o turismo constituía em 2005 o principal setor económico representando 5,2 mil milhões de euros, mais do que a receita do petróleo e aproximadamente 30% das entradas de divisas estrangeiras. Um em cada cinco egípcios (cerca de quinze milhões de pessoas) trabalhavam direta ou indiretamente no setor.

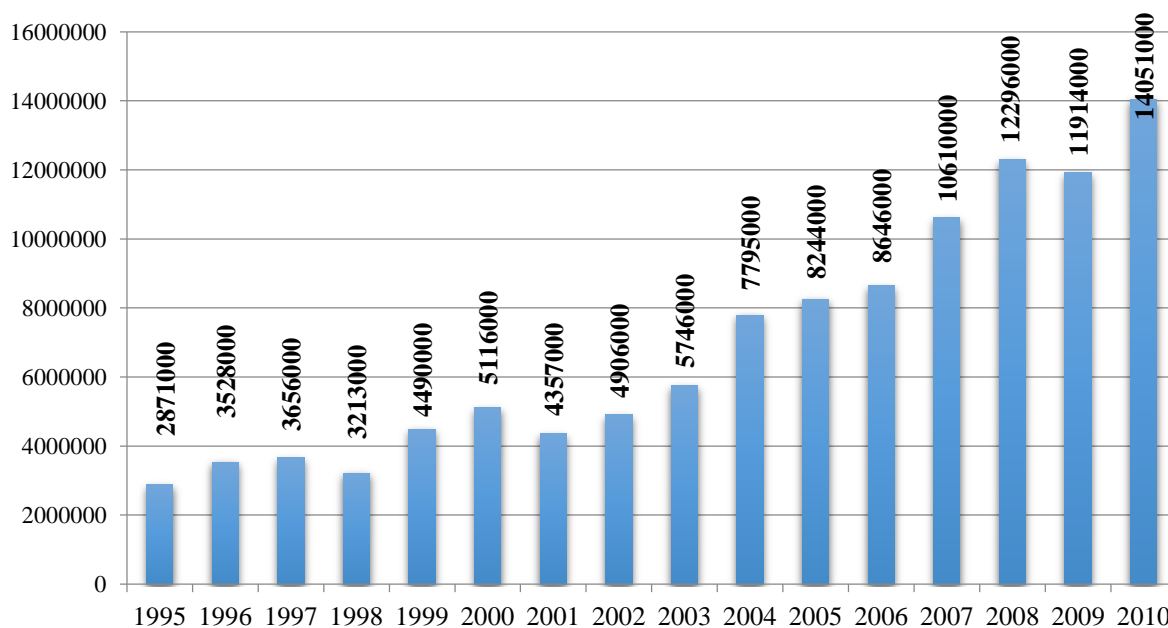
A indústria turística constitui, assim, uma prioridade para as autoridades egípcias, tendo sido ao longo dos tempos lançados diversos programas para a dinamização do setor, entre os quais, programas para criação de emprego, tendo como objetivo criar, até 2011, 4 milhões de empregos no setor e atingir os 18 milhões de turistas em 2016 (contra os cerca de 8 milhões de 2004), duplicando a capacidade hoteleira do país até 300 mil camas e apostando numa agressiva campanha de marketing (Denécé & Meyer, 2006).

De acordo com a informação na página de internet da autoridade de turismo egípcia (Egypt Tourism, 2013), os principais produtos turísticos em que o país vem apostando são o turismo cultural, com base em circuitos ou tours centrados na riqueza da sua cultura, as atividades ligadas ao mergulho, com uma forte aposta no Mar Vermelho, o turismo religioso, o turismo de aventura, o turismo de negócios, bem como outros produtos satélite como o turismo desportivo e terapêutico.

Com o Cairo e o Vale do Nilo como cartões-de-visita, a Civilização Egípcia deixou-nos um legado de valor incalculável principalmente a nível arqueológico, destacando-se as Pirâmides.

mides de Gizé e vários templos do tempo dos faraós. A aposta em circuitos bem organizados com percursos de safari no deserto, nos oásis ou cruzeiros no rio Nilo, investimentos no turismo banhar de sol e mar, e os apelos à aventura servem como chamariz para um país que vale muito pela sua história passada, mas também pelos seus recursos naturais.

Para melhor se compreender a evolução do turismo no Egito e o impacto de alguns dos atentados terroristas no setor no período em análise (1995-2010), apresentam-se no Gráfico 4 dados relativos às chegadas turísticas internacionais.



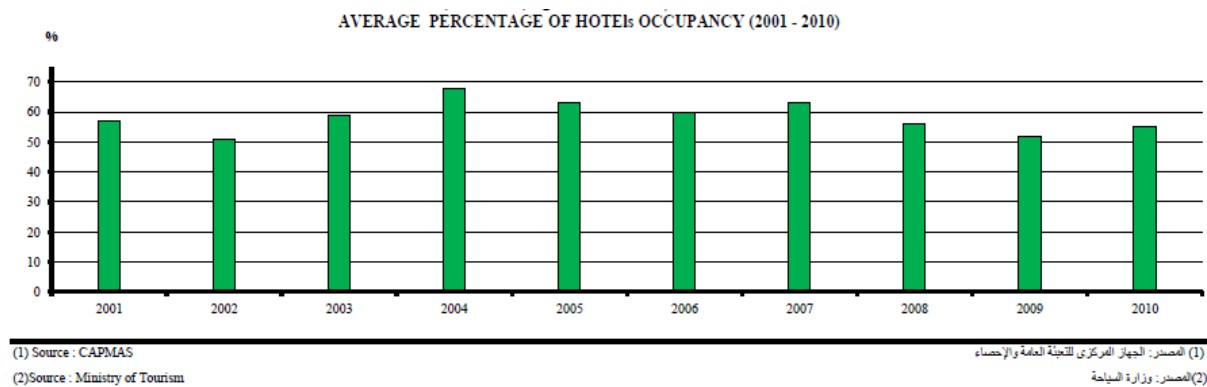
**Gráfico 4.** Chegadas turísticas internacionais no Egito, 1995-2010.  
 Fonte: Adaptado de World Bank (2013).

Da análise do Gráfico 4, é possível perceber algumas flutuações da procura turística no Egito que se poderão atribuir a alguns dos atentados identificados, mas também a outras causas decorrentes da conjuntura internacional. De entre os ataques terroristas identificados na Tabela 2, os que terão gerado uma quebra mais evidente na procura turística internacional foram os registados em setembro e novembro de 1997, no Museu do Cairo e em Luxor, respetivamente. De facto, no ano de 1998, verificou-se uma quebra na procura de cerca de 12%, o que poderá ter resultado do impacto mediático de qualquer um daqueles atentados, com um número significativo de vítimas de vários países.

Apesar dos graves atentados dos anos de 2004, 2005 e 2006, em nenhum dos anos seguintes se registaram quebras nas chegadas turísticas internacionais, mesmo que se perceba um abrandamento do crescimento que se vinha registando até 2004, nomeadamente no ano de 2006, o que não deixa de ser surpreendente, dada a dimensão e cobertura mediática, nomeadamente, do atentado de Charm-el-Cheikh, em julho de 2005. Até 2010, os únicos anos em que se verificam quebras na procura turística internacional no país coincidem com as quebras registadas no resto do mundo, nomeadamente em 2001, resultado dos atentados do 11 de setembro nos EUA, e em 2009, na sequência da crise económico-financeira mundial. Mesmo assim, é de salientar o forte crescimento registado logo no ano seguinte, passando de cerca de

12 milhões para 14 milhões de chegadas turísticas internacionais, de 2009 para 2010, respetivamente.

No entanto, a análise de outro importante indicador da procura turística - a taxa de ocupação hoteleira – no período de 2001 a 2010, espelha melhor as flutuações da procura doméstica e internacional em função dos atentados registados naquele período (Gráfico 5).



**Gráfico 5.** Taxa de Ocupação Hoteleira no Egito, 2001-2010.  
 Fonte: Central Agency for Public Mobilization and Statistics (CAPMAS, 2013).

De facto, a análise do Gráfico 5 evidencia o ano de 2004 como o que apresenta maior taxa de ocupação média naquela década, com cerca de 70%, valor que foi sofrendo sucessivas quebras a partir daí, nomeadamente em 2005 e 2006, possivelmente como consequência direta dos atentados de 2004, 2005 e 2006, nunca chegando a atingir os mesmos valores de 2004.

Os impactos do terrorismo na atividade turística do Egito parecem assim inquestionáveis, com graves consequências para a sua economia e sociedade, apesar de termos a noção de que as flutuações na procura turística podem depender de um conjunto complexo de múltiplos fatores associados à conjuntura nacional e internacional. Mesmo assim, dada a gravidade e impacto mediático de alguns dos atentados analisados, seria expeável até verificarem-se quebras mais acentuadas na procura turística durante um maior período de tempo, chegando mesmo a ser surpreendente a resiliência do setor turístico na rápida recuperação verificada a seguir a vários dos atentados aqui destacados.

Se compararmos este impacto com aquele que é gerado por períodos de instabilidade e turbulência social e política, como foi o caso daquela que foi designada como “Primavera Árabe”, verificamos que neste último caso o impacto foi incomparavelmente maior. De facto, a repercussão que o movimento da “Primavera Árabe”, em 2011, teve no Egito, na forma de revolução e derrube da ditadura de quarenta anos de Hosni Mubarak no país, foi significativa sobre a indústria de turismo no Egito. Segundo dados da Organização Mundial de Turismo (UNWTO, 2012), este impacto na procura turística internacional, refletiu-se numa quebra de 32,4% no número de chegadas, caindo de cerca de 14 milhões em 2010 para 9 milhões em 2011.

De acordo com dados mais recentes (IPK International, 2016), a situação atual no Egito é ainda pior, como demonstram as estatísticas de 2016, com as chegadas turísticas internacionais a sofrerem nova quebra acentuada em relação a 2015, de cerca de 50%, tendo passado de 9,1 milhões para menos de 5 milhões. Neste caso, e ainda segundo a mesma fonte, a principal justificação prende-se com o atentado ocorrido em outubro de 2015, que teve como alvo um

avião *charter* da Rússia. Em resposta e numa nova tentativa de relançar a imagem do Egito como destino seguro, foi lançada uma campanha de marketing nos *media* procurando passar imagens e mensagens positivas sobre o destino. No entanto, ao longo dos últimos anos, estas campanhas não têm conseguido aquele objetivo, principalmente por haver já um sentimento generalizado de insegurança relativamente àquele país, após ataques sucessivos e à instabilidade provocada pela “Primavera Árabe”, reforçado por advertências nesse sentido, por parte das autoridades dos principais mercados emissores.

### Conclusões

Com o estudo aqui desenvolvido procurou-se analisar até que ponto os atentados e incidentes terroristas podem provocar variações nos fluxos turísticos internacionais. No entanto, nem sempre esta correlação é objetiva, já que a procura turística internacional pode ser influenciada por múltiplos fatores, cuja complexidade não seria possível abarcar no âmbito do presente estudo. No entanto, considera-se ter reunido um conjunto de dados cuja análise permitiu retirar algumas conclusões relevantes sobre os possíveis efeitos dos atentados terroristas nos alvos turísticos dos destinos analisados e, com maior detalhe, no caso do Egito.

Com efeito, da análise das chegadas turísticas internacionais e das taxas de ocupação hoteleira no Egito, nalguns períodos em que ocorreram atentados terroristas, facilmente nos apercebemos por exemplo do impacto que os atentados de Luxor, em 1997, tiveram na atividade turística neste destino, com as taxas de ocupação hoteleira a passarem de 66% no ano anterior para 26% em 1998. Da mesma forma, e já com base em dados provisórios mais recentes, salientamos a quebra de 50% nas chegadas turísticas internacionais de 2015 para 2016, na sequência do atentado ocorrido em 2015 atingindo um voo *charter* da Rússia. Por outro lado, é igualmente de salientar que nem sempre foi assim e que, apesar do historial de atentados terroristas no Egito contra vários alvos turísticos anteriormente, este destino conseguiu em muitas dessas ocasiões demonstrar uma forte resiliência, recuperando rapidamente a sua força como destino turístico de eleição a nível internacional. Acontece que essa resiliência foi-se perdendo, naturalmente, pela cada vez maior frequência de atentados, associados em parte e também com a forte instabilidade política que a crise imposta pela “Primavera Árabe” veio acarretar.

Um outro fator a considerar no maior ou menor impacto do terrorismo sobre a procura internacional nesses destinos turísticos é a cobertura mediática de que os mesmos são alvo, o que nem sempre parece ter uma correspondência direta com a dimensão de cada ataque. O atentado de Charm-el-Cheikh em julho de 2005, que se sucedeu a um outro em abril do mesmo ano, por exemplo, parece não ter tido um eco comparável ao de Luxor em termos da atenção dos *media* e respetivo impacto na procura turística internacional do Egito nos anos seguintes, apesar de o número de vítimas ter sido superior no primeiro caso.

Em qualquer caso, a questão da mediatização do terrorismo tem despertado intenso debate no que se refere ao seu contributo para servir os propósitos dos próprios terroristas e sobre até que ponto deveria haver um maior esforço da comunidade internacional para controlar esse mesmo efeito. Se, por um lado, se reconhece a necessidade de dar a conhecer as atrocidades cometidas pelos terroristas, cumprindo a comunicação social o seu dever de informação imparcial sobre os acontecimentos, deverão concertar-se estratégias de ação de forma a minimizar os efeitos negativos sobre os destinos afetados e impedir os propósitos dos terroristas de usar destinos turísticos como alvo preferencial pela maior cobertura mediática que sabem aí conseguir.

Seria desejável, por exemplo, que os destinos que foram negativamente influenciados pela mediatização de atos terroristas, como Luxor, vissem também mediatizados os seus planos de segurança, entretanto implementados, e outros aspetos de valorização enquanto destinos turísticos. Seria também da maior importância dar destaque às vitórias sobre o terrorismo e comemorar o aniversário dessas vitórias, como é frequente acontecer com as datas desses atos de terror que nos vão sendo recordados com alguma regularidade. Apesar de se considerar que esses atos atrozes não devem ser esquecidos e que é importante recordar que muito há a fazer para os combater, não será menos importante divulgar e promover as vitórias nesse combate, as ações, políticas, convenções e parcerias que se vão desenvolvendo no plano internacional em resposta ao terrorismo e os resultados alcançados.

A este respeito, é de salientar a ação da Organização Mundial de Turismo com a iniciativa da Rede de Segurança e Proteção do Turismo que constitui um exemplo do reforço das medidas adotadas, em parceria entre os estados e as organizações internacionais que representam o setor do turismo. Esta rede virtual é composta de elementos de vários setores da economia, dos governos, de organismos de investigação, forças de segurança representantes dos *media*, entre outros. Esta rede organizou fichas nacionais, com a informação necessária relativamente à segurança e proteção dos turistas em visita a outros países, com o objetivo de proporcionar uma estadia segura. Quanto mais informado o turista está acerca do destino, melhor se poderá proteger e integrar, ao mesmo tempo que usufrui do que esse destino tem para oferecer.

É de salientar que, após o 11 de setembro de 2001, se assistiu a profundas mudanças em vários planos que poderão ter justificado que durante dois anos e meio não se tivessem registado atentados significativos, até ao de Madrid, e a um sentimento geral de maior segurança do que anteriormente. Os esforços para reforçar a segurança nos aeroportos e a definição clara de políticas de proteção terão contribuído para reforçar o sentimento de segurança das pessoas. Essas medidas são essenciais, apesar dos incómodos que por vezes causam, assim como o é a cooperação internacional entre os estados na luta antiterrorista através de estratégias e políticas comuns, partilha de tecnologias de informação e cooperação efetiva entre os serviços secretos e de segurança dos vários estados. Por exemplo, o reforço do controlo das fronteiras, após o 11 de setembro, foi entendido como um reforço da segurança, bem como outras medidas, reforçando-se a vigilância dos lugares públicos de grande afluência de pessoas e em especial turistas, como foi o caso do Egito, com um maior número de efetivos das forças de segurança na tentativa, não só de implementar planos de contingência nesses locais, como de aumentar o sentimento de segurança entre os turistas.

Aos agentes turísticos internacionais cabe também um importante papel na adoção de políticas e estratégias desenvolvidas para responder aos desafios colocados pelo terrorismo e, paralelamente, à mudança do perfil do turista internacional, que é cada vez mais informado e que procura destinos seguros. Estas alterações devem, assim, ser vistas como uma oportunidade para agir e demonstrar dinamismo na elaboração de estratégias que demonstrem a preocupação com a segurança do cliente, apresentando produtos e destinos que apostem na segurança como elemento diferenciador e único em relação à concorrência.

Ao turista cabe a responsabilidade de estar informado de forma a escolher a oferta que mais garantias de segurança lhe apresente e, assim, por um lado, fomentar a economia dos estados que lutam contra o terrorismo, apostando na segurança das pessoas e, por outro, valorizar a atividade das empresas e agentes turísticos que mais se preocupam com a proteção e segurança do turista. Essa informação permitir-lhe-á ainda adotar comportamentos mais cons-

cientes e responsáveis nos destinos, respeitando a população local, povo, a sua cultura e as suas tradições, podendo assim tirar melhor proveito dos recursos, produtos e atrações turísticas do destino. É fundamental, em todo este processo, lembrar que o mundo é, de certa forma, mais seguro agora do que alguma vez foi, considerando os factos históricos.

### Referências bibliográficas

- Central Agency for Public Mobilization and Statistics. (2013). *Tourism*. Disponível em [http://www.capmas.gov.eg/pdf%5CTourism3\\_E.pdf](http://www.capmas.gov.eg/pdf%5CTourism3_E.pdf)
- Denécé, É., & Meyer, S. (2006). *Tourisme Et Terrorisme – Des vacances de rêve aux voyages à risque*. Paris: Ellipses.
- Egypt Tourism. (2013). *The Egypt site for visitors*. Disponível em <http://www.egypttourism.org>
- Évora, S. (2006). *O discurso mediático sobre o terrorismo*. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/evora-silvino-discurso-mediatico-terrorismo.pdf>
- Faria, F. (2007). O Papel dos Media na Luta Contra o Terrorismo: que Cobertura Mediática dos Actos Terroristas?. In Instituto da Defesa Nacional, *Nação e Defesa*, 117. Disponível em <http://www.idn.gov.pt/publicacoes/nacaodefesa/textointegral/NeD117.pdf>
- IPK International. (2016). *ITB World Travel Trends Report*. December 2016. Disponível em [http://www.itbberlin.de/media/itb\\_dl\\_all/itb\\_presse\\_all/World\\_Travel\\_Trends\\_Report\\_2016\\_2017.pdf](http://www.itbberlin.de/media/itb_dl_all/itb_presse_all/World_Travel_Trends_Report_2016_2017.pdf)
- Júnior, R. (2013). *Terrorism*. Disponível em <http://www.library.com.br/Filosofia/terrorism.htm>
- Lohmann, G. (2004). *Globalização e os Impactos dos Ataques Terroristas do 11 de Setembro de 2001: Implicações para o Sistema de Turismo*. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/232608067\\_Globalizacao\\_e\\_os\\_Impactos\\_dos\\_Atques\\_Terroristas\\_de\\_11\\_de\\_Setembro\\_de\\_2001\\_Implicacoes\\_para\\_o\\_Sistema\\_de\\_Turismo](https://www.researchgate.net/publication/232608067_Globalizacao_e_os_Impactos_dos_Atques_Terroristas_de_11_de_Setembro_de_2001_Implicacoes_para_o_Sistema_de_Turismo)
- Mazetto, F. (2003). *O Terrorismo na História*. UFJF – Defesa: Departamento de Geociências, Instituto de Ciências Humanas e Letras. Disponível em <http://www.ecsbdefesa.com.br/fts/Terrorismo.pdf>
- Pereira, A. (2008). *Sobre Terrorismos*. Carta Mensal, Novembro de 2008. Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, Portal do Comercio. Disponível em [http://www.portaldocomercio.org.br/media/cartamensal\\_nov.pdf](http://www.portaldocomercio.org.br/media/cartamensal_nov.pdf)
- Turismo de Portugal. (2013). *Chegadas turísticas internacionais*. Disponível em [www.turismodeportugal.pt](http://www.turismodeportugal.pt)
- The World Bank. (2013). *World Bank Reports*. Disponível em <http://databank.worldbank.org/data/views/reports/chart.aspx>
- United Nations World Tourism Organization. (2012). *UNWTO Tourism Highlights 2011*. Disponível em [www.unwto.org/](http://www.unwto.org/)